

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *O Estado de S. Paulo*

Class.: *AM - Desmatamento*

Data *13.05.73*

Pg.: *56*

ADER0001

IBDF confirma as devastações

MANOEL LIMA

Correspondente em Manaus

Ao comentar as denúncias — que qualificou de verdades incontestáveis — feitas pela botânica Margareth Mee, em relatório que fez sobre seis meses de viagem de estudos da flora e da fauna do Amazonas, o delegado do IBDF, Vivaldo Campbell de Araujo, disse que a devastação na região está tornando impotentes as autoridades responsáveis pela preservação do equilíbrio ecológico. Acrescentou que "esse processo criminoso pode ser observado a 20 ou 30 minutos de Manaus, nas estradas municipais e estaduais, onde arvores pequenas e virgens são derrubadas sob os argumentos mais irracionais".

O IBDF admite até a sua inoperância, por falta de recursos materiais e humanos, para fiscalizar uma região como a do Amazonas, "grande e de difícil acesso às áreas florestais e, em consequência, a devastação mostra um quadro desalentador, que ninguém pode contestar". Nos altos rios, onde a fiscalização do IBDF ainda não se fez presente pelas dificuldades de acesso às áreas, pela distância e pela impossibilidade de navegação nos rios baixos, a floresta está desaparecendo por completo, em razão de constantes cortes e queimadas de arvores jovens.

FALTA PLANIFICAÇÃO

O pau-rosa é o mais atingido, porque, embora ele esteja sendo utilizado pelas usinas de destilação de óleo essencial, o processo de derrubada de suas arvores é feito sem uma planificação ou método racional que possa preservar a espécie.

Para o IBDF, a situação do pau-rosa é cada vez mais crítica, não só devido ao processo de exploração (abate simples da árvore), mas porque a espécie somente está sendo encontrada nas cabeceiras dos grandes rios, distantes até 20 ou 30 quilômetros das vias de acesso, tornando a economicamente inviável a sua exploração e industrialização pelas usinas. Atualmente, as grandes plantações de pau-rosa ficam próximas aos rios navegáveis por embarcações de boa tonelagem, o que dificulta a sua exploração. Esta continua sendo feita por processos arcaicos, tornando a rentabilidade mínima.

O drama que o caboclo e o usineiro vivem e enfrentam para explorar e industrializar o pau-rosa é difícil de descrever: na derrubada do pau-rosa, o explorador não observa qualquer método para o corte, porque para a exploração do produto ele é financiado por terceiros durante 90 ou 120 dias, tempo insuficiente para que possa haver o retorno do dinheiro à fonte financiadora. Em vista disso, o explorador opta pela derrubada de arvores de qualquer idade, até porque a essência do pau-rosa tem o mesmo valor em qualquer tipo de árvore, seja ela nova ou não.

DEFESA

Vivaldo Campbell de Araujo, engenheiro florestal, pesquisou durante sete anos para o INPA os diversos tipos e espécies da flora amazônica, tendo dispensado maior atenção ao pau-rosa, por suas características econômicas. Nesses sete anos de pesquisas, encontrou uma solução para salvar o pau-rosa da devastação criminosa a que está sendo submetido: a extração do óleo de pau-rosa das folhas e dos galhos pequenos é mais rentável que a do tronco. Com isso, haveria a preservação da espécie, até porque a primeira poda e aproveitamento para a destilação se daria somente a par-

tir do quinto ano de plantio. Isso evitaria a derrubada das árvores e somente as folhas da planta seriam aproveitadas pelas usinas.

A sorva, também ameaçada de extinção, já está protegida pelo IBDF. Atualmente, a extração do leite da sorva está sendo feita por meio de sangria, a exemplo do que se faz com a borracha. Para o delegado do IBDF, a devastação na Amazônia ocorre por fatores adversos, como mortalidade por erosão, derrubada por vento, queimadas ou atingidas por doenças ou mesmo por senilidade. Comumente, o pau-rosa é encontrado em áreas de pequena vegetação e quando uma árvore cai leva consigo duas ou três devido ao seu grande porte.

EXTRAÇÃO

Poucas usinas de destilação de pau-rosa são vistas às margens dos pequenos rios da região, numa atividade dificultada pela carência da matéria-prima. A extração do pau-rosa é feita por empreitada por operários da própria usina e contrato de fornecimento com moradores dos locais onde existe a espécie.

A exploração consiste em descobrir as árvores em determinada área, verificar a sua possibilidade de exploração e, uma vez localizadas, fazer um varadouro, até um ramalche, ou até o rio ou igarapé mais próximo, para permitir o seu transporte depois de derrubadas. De um modo geral, são necessários 140 homens por dia para empicar mil arvores de pau-rosa, com quatro palmos de roda — circunferência. A época da exploração é agosto a setembro, podendo ser feita em qualquer época do período das secas, que vai de maio a dezembro.

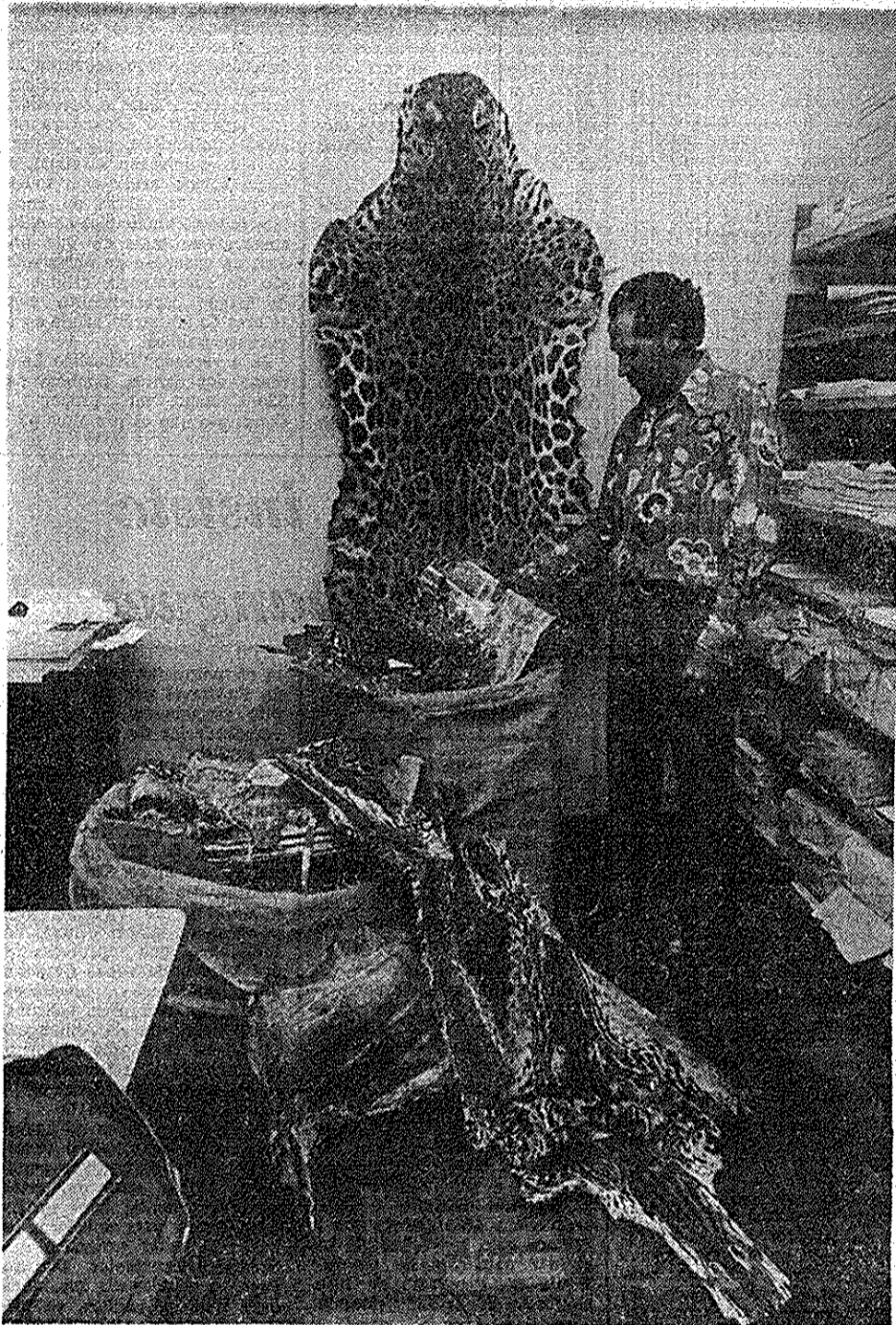
Depois de derrubada, a árvore é transformada em achas de lenha, e posteriormente em lascas (cavacos), por um triturador, cuja operação é importante porque quanto menores forem as lascas maior será a possibilidade de o vapor extrair o óleo essencial, aumentando a eficiência da destilação.

Colocadas num alambique cujo vapor tem uma pressão de 10 a 80 libras, as lascas produzem o óleo após o que é conduzido para o resfriamento. Uma vez condensado, é recolhido em um condensador onde se faz a separação natural do óleo e da água, por diferença de densidade. Após a destilação, o óleo, recolhido por decantação, é coado e embalado em tambores com capacidade para 180 quilos de óleo essencial.

O Amazonas já figurou na pauta internacional do pau-rosa, com um bom índice de exportação. Atualmente, apenas os Estados Unidos, Holanda, Japão, França, Argentina, Bélgica e Inglaterra importam pau-rosa do Amazonas. No ano passado, foram exportados 239.872.062 toneladas de óleo essencial de pau-rosa para o exterior, figurando a França e Estados Unidos como os maiores importadores.

SOLUÇÕES

Para o delegado do IBDF, a salvação do pau-rosa está nas experiências de mudas da espécie nas estações experimentais existentes na região. Atualmente, existem dois campos experimentais para o replantio de mudas de pau-rosa dentro do programa de reflorestamento do IBDF. Há a Estação Experimental de Curuauna, da Sudam, no Baixo Amazonas, onde já existem centenas de espécies e mudas diferentes, com bons resultados. Existe, também, a Reserva Florestal de Ducke, do INPA, na estrada Manaus-Itacoatira, cujas experiências ainda não mostraram os resultados desejados pela carência de tempo, visto que esses resultados só serão conhecidos dentro de cinco anos.



Do correspondente em Manaus

Apesar da apreensão de peles, Funai diz que índio só caça para sustento